

REVISTA

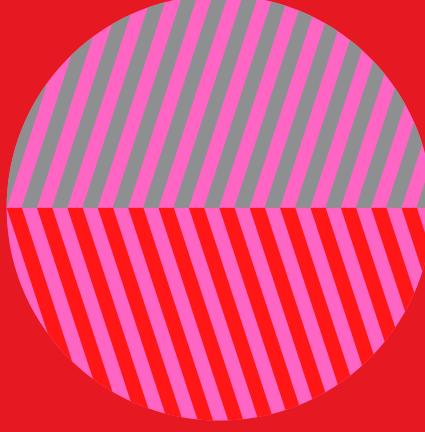
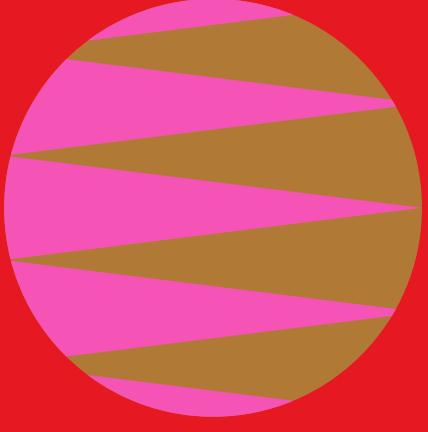
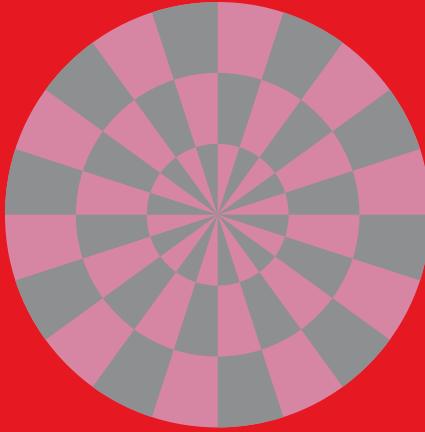
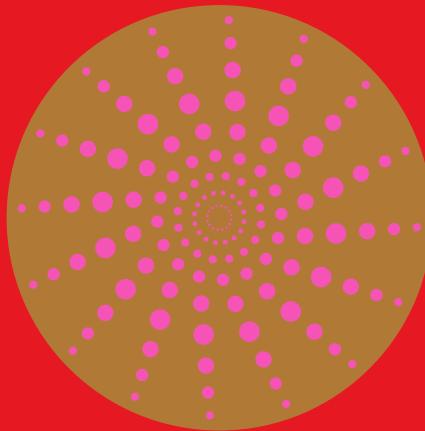
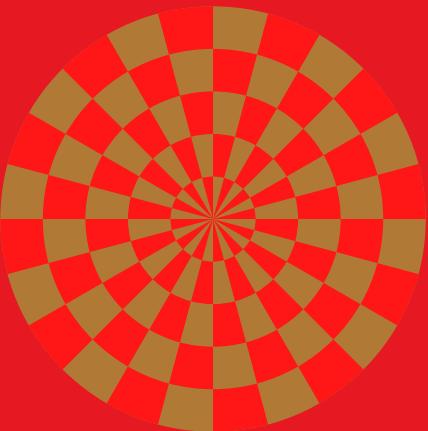
CICEP

EVOLUÇÃO

MARÇO DE 2025 V.4 N.03

DATA DE PUBLICAÇÃO: 15/03/2025

ISSN: 27645363



Revista Evolução CICEP

Nº 03

Março 2025

Publicação

Mensal (março)

SL Editora

Rua Bruno Cavalcanti Feder, 101, Torre A - 61 – Quinta da Paineira - 03152-155

São Paulo – SP – Brasil

www.sleditora.com

Editor Chefe

Neusa Sanches Limonge

Projeto Gráfico e capa

Lucas Sanches Limonge

Diagramação e Revisão

Luiz Cesar Limonge

Responsável Intelectual pela Publicação

Centro Institucional de Cursos Educacionais Profissionalizantes (CICEP)

Revista Evolução CICEP – Vol. 4, n. 03 (2025) - São Paulo: SL Editora, 2024 – Mensal

Modo de acesso: <https://www.revistaevolucaocicep.com.br/>

ISSN 2764-5363 (online)

Data de publicação: 15/03/2025

1. Educação 2. Formação de Professores

CDD 370

CDU 37

Renato Moreira de Oliveira – Bibliotecário - CRB/8 8090

SUMÁRIO

AS POSSIBILIDADES DO LETRAMENTO MATEMÁTICO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Bruno dos Santos..... 04

CORES E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Elizabeth Maria Lavitschka Oliveira..... 13

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Adriana Maria Viana 25

AS POSSIBILIDADES DO LETRAMENTO MATEMÁTICO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

BRUNO DOS SANTOS

Resumo

O letramento matemático é um processo de aquisição de habilidades e competências que permite ao educando compreender e solucionar situações que exijam conhecimentos matemáticos aplicados aos seu cotidiano, associado a outras ciências, porém nem todas os brasileiros tiveram acesso a educação na idade adequada, por esse motivo a educação de jovens e adultos assegurada na forma de lei, busca ofertar essa possibilidade de retomada e conclusão da educação básica, mas o aluno que retorna a escola nessa nova etapa da vida, já está repleto de saberes não formais, que fazem parte da sua persona. Como promover o letramento matemático partindo das experiências pessoais e coletivas dos alunos. Esse trabalho apresenta uma análise das possibilidades de associar os saberes formais e informais no ensino e aprendizagem da matemática.

Palavras-chave: Ensino, matemática, letramento, EJA, saberes.

Abstract

Mathematical literacy is a process of acquiring skills and competences that allow the student to understand and solve situations that require mathematical knowledge in their daily lives, associated with other sciences, but not all Brazilians had access to education at the appropriate age. education for young people and adults, guaranteed under the law, seeks to offer this possibility of resuming and completing basic education, but the student who returns to school in this new stage of life, is already full of non-formal knowledge, which is part of his. How to promote mathematical literacy based on students' personal and collective experiences. This work presents an analysis of the possibilities of associating formal and informal knowledge in the teaching and learning of mathematics.

Keywords: Teaching, mathematics, literacy, EJA, knowledge

1.O ENSINO DE MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO BASICA DE JOVENS E ADULTOS

O direito a educação se encontra na Constituição Federal, art. 205, é definida pela LBD (Lei de Diretrizes e Bases da educação - Lei nº 9.394/ 1996) como “[...] processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (BRASIL, 1996) E deve estar associada ao mundo e as práticas do trabalho, ser inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, no exercício da cidadania, buscando pleno desenvolvimento do educando. (BRASIL, 1996).

Porém diversas situações socioeconômicas impossibilitam que crianças e adolescente completem seus ciclos de escolarização, os inserindo muito cedo no mundo do trabalho, na maior parte das vezes no mercado informal, para esse público se oferta a Educação de Jovens e Adultos, segundo a LBD, a Educação de Jovens e Adultos (EJA). “[...] Será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida [...]” (BRASIL, 1996) e deve avaliar e valorizar os “conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos” (BRASIL, 1996). Nessa modalidade educacional a lei incube ao poder público o dever de oferta de acesso e garantia e condições de permanência aos que forem trabalhadores a escola, respeitando as características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades. (BRASIL, 1996).

O retorno ao ambiente escolar pode se dar por diversos fatores, porém esses jovens e adultos chegam as suas escolas buscando ‘recuperar o tempo perdido’, considerando que ainda não está ‘formado para o mundo do trabalho’, mas repleto de saberes empíricos que acumulou ao longo dos anos e vivências que teve. E esses saberes são fundamentais para compreender e estruturar as ações de planejamento dessas turmas, pois muitos alunos consideram-se incapazes de aprender matemática, pois é uma matéria difícil com a qual eles tinham dificuldades no processo inicial de escolarização.

A partir das especificidades dos estudantes, considerando que já possuem experiências variadas, crenças e concepções sobre inúmeros aspectos, é necessário reconhecer que apresentam ideias mais elaboradas sobre a realidade e que suas formas de aprender, bem como suas experiências, precisam ser consideradas. A EJA deve ser compreendida como um processo contínuo em que os conhecimentos são mobilizados cotidianamente e as aprendizagens acontecem entre os estudantes, seus pares e professores. (SÃO PAULO, 2017)

Considerando essa situação como construir um saber matemático que esteja além de reconhecer e contar números e grandezas, mas que promova a valorização os saberes prévios dos alunos? Hoje chamado de letramento matemático (um conjunto de competências e habilidades) pensadas para crianças e adolescentes em etapa regular de escolarização básica, crianças e

adolescentes que ainda não interagem com o mundo do trabalho e todas suas experiências são ofertadas pela escola, famílias e comunidade, mas que são estruturantes para o pensar matematicamente, para o raciocínio lógico e científico, resolução de problemas e vida em sociedade, ou seja, é fundamental que o público alvo da educação de jovens e adultos detenham esse conhecimento, porém sua forma de abordagem deve ocorrer através de outras metodologias e flexibilizações curriculares.

Para compreender a propostas desse trabalho vamos analisar o Currículo da Cidade (São Paulo) para a Educação de Jovens e adultos e o processo de letramento matemático proposto na BNCC, e verificar como na prática pode-se promover, enriquecer e formalizar os conhecimentos matemáticos adquiridos no dia a dia com os saberes, competências, conteúdos e habilidades de um currículo.

São considerados eixos estruturantes e fundamentais do EJA as seguintes atribuições de reparar, equalizar e qualificar, compreendendo cada um desses eixos como ações:

Reparadora: significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano.

Equalizadora: vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados. A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação.

Qualificadora: mais do que uma função permanente da EJA que pode se chamar de qualificadora. Mais do que uma função, ela é o próprio sentido da EJA. Ela tem como base o caráter incompleto do ser humano cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares. (RESOLUÇÃO CNE/CEB 1/2000)

1.1 MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

De acordo com seus objetivos e princípios, o EJA deve oferecer um currículo que contemple o disposto na LDB, no que tange a educação básica, principalmente o artigo 27º inciso I “a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática” e o Inciso II sobre o acesso e permanência. Dentro desse âmbito, no artigo 6º da Resolução CNE/CEB nº 01/2000 foi dado autonomia para os sistemas de ensino definir a estrutura de seus cursos de EJA sempre em consonância

com as “diretrizes curriculares nacionais, a identidade desta modalidade de educação e o regime de colaboração entre os entes federativos” (RESOLUÇÃO CNE/CEB 1/2000).

“Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e adultos devem ser observadas na oferta e estrutura dos componentes curriculares dessa modalidade de ensino, estabelece que: Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio.” (RESOLUÇÃO CNE/CEB 1/2000)

O currículo do EJA deve ser construído no buscando atender o público diverso de jovens e adultos que frequentam esse nível escolar, deve abordar questões como a diversidade social, geracional, étnico-racial, de ritmos de aprendizagem e de gênero e para que seja feito de forma consciente e concreta, e venha a atender as demandas culturais, educacionais e sócias é fundamental reconhecer o perfil dos educandos (SÃO PAULO, 2017)

Segundo a BNCC (2018) A Matemática não pode ser delimitada apenas como uma ação de contagem, medição de objetos, grandezas, e das técnicas de cálculo com os números e com as grandezas, pois também estuda a incerteza proveniente de fenômenos de caráter aleatório.

A Matemática cria sistemas abstratos, que organizam e inter-relacionam fenômenos do espaço, do movimento, das formas e dos números, associados ou não a fenômenos do mundo físico. Esses sistemas contêm ideias e objetos que são fundamentais para a compreensão de fenômenos, a construção de representações significativas e argumentações consistentes nos mais variados contextos. (BRASIL p.265 2018).

No Ensino Fundamental, os conhecimentos de matemática abrangem diversos campos dessa ciência: Aritmética, Álgebra, Geometria, Estatística e Probabilidade. Porém é fundamental que o aluno consiga observar e experimentar esses conhecimentos no mundo real através de experiências empíricas e que saibam suas representações e registros.

2.COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE MATEMÁTICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

- Reconhecer que a Matemática é uma ciência humana, fruto das necessidades e preocupações de diferentes culturas, em diferentes momentos históricos, e é uma ciência viva, que contribui para solucionar problemas científicos e tecnológicos e para alicerçar descobertas e construções, inclusive com impactos no mundo do

trabalho.

- Desenvolver o raciocínio lógico, o espírito de investigação e a capacidade de produzir argumentos convincentes, recorrendo aos conhecimentos matemáticos para compreender e atuar no mundo.
- Compreender as relações entre conceitos e procedimentos dos diferentes campos da Matemática (Aritmética, Álgebra, Geometria, Estatística e Probabilidade) e de outras áreas do conhecimento, sentindo segurança quanto à própria capacidade de construir e aplicar conhecimentos matemáticos, desenvolvendo a autoestima e a perseverança na busca de soluções.
- Fazer observações sistemáticas de aspectos quantitativos e qualitativos presentes nas práticas sociais e culturais, de modo a investigar, organizar, representar e comunicar informações relevantes, para interpretá-las e avaliá-las crítica e eticamente, produzindo argumentos convincentes.
- Utilizar processos e ferramentas matemáticas, inclusive tecnologias digitais disponíveis, para modelar e resolver problemas cotidianos, sociais e de outras áreas de conhecimento, validando estratégias e resultados.
- Enfrentar situações-problema em múltiplos contextos, incluindo-se situações imaginadas, não diretamente relacionadas com o aspecto prático-utilitário, expressar suas respostas e sintetizar conclusões, utilizando diferentes registros e linguagens (gráficos, tabelas, esquemas, além de texto escrito na língua materna e outras linguagens para descrever algoritmos, como fluxogramas, e dados).
- Desenvolver e/ou discutir projetos que abordem, sobretudo, questões de urgência social, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários, valorizando a diversidade de opiniões de indivíduos e de grupos sociais, sem preconceitos de qualquer natureza. 8. Interagir com seus pares de forma cooperativa, trabalhando coletivamente no planejamento e desenvolvimento de pesquisas para responder a questionamentos e na busca de soluções para problemas, de modo a identificar aspectos consensuais ou não na discussão de uma determinada questão, respeitando o modo de pensar dos colegas e aprendendo com eles. (BRASIL, P. 267, 2018)

Os processos matemáticos de resolução de problemas, de investigação, de desenvolvimento de projetos e da modelagem podem ser citados como formas privilegiadas da atividade matemática, motivo pelo qual são, ao mesmo tempo, objeto e estratégia para a aprendizagem ao longo de todo o Ensino Fundamental. Esses processos de aprendizagem são potencialmente ricos para o desenvolvimento de competências fundamentais para o letramento

matemático (raciocínio, representação, comunicação e argumentação) e para o desenvolvimento do pensamento computacional.

Considerando esses pressupostos, e em articulação com as competências gerais da Educação Básica, a área de Matemática e, por consequência, o componente curricular de Matemática devem garantir aos alunos o desenvolvimento de competências específicas.

3 LETRAMENTO MATEMÁTICO

Existem diversas concepções sobre o que é letramento, quase todas elas sempre associadas a alfabetização. O letramento e a alfabetização são processos independentes, interdependentes e indissociáveis, que envolvem conhecimentos e procedimentos específicos de ensino.

SOARES (2003) apresenta a ideia de que o letramento é a condição para que o educando desenvolva a leitura e da escrita de forma fluente dentro de um contexto social, sendo capaz de se expressar e compreender as informações e fazer uso dessa ferramenta cultural. Ou seja, o letramento está associado ao reconhecimento dos símbolos permitindo a organização, expressão e utilização em seu cotidiano desses símbolos através da leitura e escrita, assim deve de considerar a interdependência entre a alfabetização e letramento matemático.

A BNCC apresenta a concepção de letramento matemático que de acordo com ela é definido como as competências e habilidades de raciocinar, representar, comunicar e argumentar matematicamente, possibilitando a formulação e a resolução de problemas em diferentes de contextos, através procedimentos, fatos e ferramentas que favoreçam o desenvolvimento do raciocínio lógico e crítico, estimula a investigação (BRASIL, 2018 p. 266).

“É também o letramento matemático que assegura aos alunos reconhecer que os conhecimentos matemáticos são fundamentais para a compreensão e a atuação no mundo e perceber o caráter de jogo intelectual da matemática, como aspecto que favorece o desenvolvimento do raciocínio lógico e crítico, estimula a investigação e pode ser prazeroso (fruição).”

(BRASIL, 2018)

Segundo a Matriz do Pisa (2012)

“letramento matemático é a capacidade individual de formular, empregar e interpretar a matemática em uma variedade de contextos. Isso inclui raciocinar matematicamente e utilizar conceitos, procedimentos, fatos e ferramentas matemáticas para descrever, explicar e predizer fenômenos. Isso auxilia os indivíduos a reconhecer o papel que a matemática exerce no mundo e para que cidadãos construtivos, engajados e reflexivos possam fazer julgamentos bem fundamentados e tomar as decisões necessárias.”.

(Apud BNCC, 2018. P. 267)

Através do letramento matemático asseguramos e auxiliamos os alunos a descobrir e reconhecer que a aprendizagem matemática é fundamental para compreender e atuar no mundo e na vida em sociedade “perceber o caráter de jogo intelectual da matemática, como aspecto que favorece o desenvolvimento do raciocínio lógico e crítico, estimula a investigação e pode ser prazeroso (fruição)” (BNCC 2018. p, 265). As atividades para apurar e investigar situações matemáticas atuando de forma concomitante com outros projetos e temas é uma forma comprovada de permear a aprendizagem matemática, pois garante de forma simultânea objetos, objetivos e estratégia que podem ser desenvolvidas ao longo de todo o Ensino Fundamental, assim devemos além de compreender também planejar e executar atividades de cunho interdisciplinar, pois elas são fundamentais a aquisição das competências do letramento matemático (raciocínio, representação, comunicação e argumentação).

Objetivando o ensino da matemática para crianças e o respeito ao processo de letramento matemático deve se explorar as experiências lógico-matemática, as atividades a serem realizadas demandam relações interativas e cooperativas, que consequentemente darão origem a uma compreensão e participação maior da criança em relação à realidade em que vive. O conhecimento Matemático é muito influenciado pelas diversas situações resultantes do convívio social, pois as crianças são questionadoras e observadoras, levando-as a interagirem com os acontecimentos que ocorrem em sua volta.

O dia a dia dos alunos é rico em situações matemáticas, o que proporciona a compreensão e aplicação do que estão aprendendo na escola, a escola e o planejamento dos professores devem estabelecer essas conexões, preferencialmente através do lúdico, nessa etapa educacional e desenvolvimento que os alunos se encontram transitando entre o faz de conta e as operações concretas, o professor necessita se valer de estratégias ludopedagógicas que resgatem e estimulem as experiências da educação infantil, tornando mais prazeroso o processo de aprendizagem. A ludopedagogia, “é o método no processo de ensino deve dar-se de maneira criativa” intermediada pelo ato de brincar, através de aulas descontraídas e prazerosas utilizando dinâmicas, brincadeiras e jogos. (LOPES, 2013), que “possibilitam à criança um relacionamento significativo com aprendizagem através do desenvolvimento físico, afetivo, social e intelectual através das atividades lúdicas.” (LOPES, 2013 p. 22).

Um texto de matemática tem que estar situado em um contexto, em um mundo de significados matemáticos, para que o homem possa ter a possibilidade de compreender e interpretar o lido e, com isso, enriquecer seu acervo de conhecimento, de tal forma que seja capaz de realizar transformações até em sua vida cotidiana. (DANYLUK, 2015, p. 40).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender como o aluno da EJA percebe o mundo ao seu redor e de que forma a matemática está inserida nesse mundo, possibilitar ao educando adulto reconhecer os saberes de mundo que ele possuem como conhecimentos formais e acadêmicos, dar sentido as suas atividades cotidianas através de saberes matemáticos é a práxis do letramento matemático, que está muito além de ensinar números e operações, mas em possibilitar os alunos de diversas modalidades de ensino compreender o mundo ao seu redor, ler, quantificar e resolver situações através de conhecimentos matemáticos, desenvolvendo relações científicas, matemáticas e humanas na construção de uma sociedade no qual “Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.” mas, que possuem o mesmo valor para o quem constrói e transforma seus conhecimentos se permitindo sempre aprender.

5 REFERÊNCIAS

- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm>. Acessado em 10/04/2017. acesso: 10 de junho de 2021.
- BRASIL, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lbd.pdf>> acesso: 10 de junho de 2021.
- BRASIL, Decreto Nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005. **Regulamenta o art. 80 da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/portarias/dec5.622.pdf>> acesso: 10 de junho de 2021.
- BRASIL, **Base Comum Curricular Nacional (BNCC).** Ministério da Educação. 2019. Brasília. 600 págs. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/> BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> acesso: 01 de junho de 2021.
- DANYLUK, Sonia O. **Alfabetização Matemática: as primeiras manifestações da escrita infantil.** Rio Grande do Sul, 2015. 5ª ed. Editora. UPF, 248 págs.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988
- LOPES, Carine Penha Andrello. **A ludopedagógia e a manutenção da atenção do aluno.** UTFPR. 43 págs. Disponível em <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4283/1/MD_EDUM_TE_2014_2_14.pdf> acesso: 30 de junho de 2021.
- RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 1, DE 5 DE JULHO DE 2000. **Estabelece As Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação e Jovens e Adultos.**

Disponível <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>> acesso: 28 de junho de 2021.

SÃO PAULO – PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Educação de Jovens e Adultos: Princípios e Práticas Pedagógicas – 2015.** Secretaria Municipal de Educação. 40 págs. Disponível <<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/9718.pdf>> acesso: 22 de junho de 2021.

SÃO PAULO – PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Curriculum da cidade: Educação de Jovens e Adultos: Matemática. 2019** Secretaria Municipal de Educação. 140 págs. Disponível <<https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2019/10/cc-eja-matematica.pdf>> acesso: 22 de junho de 2021.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve História Sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Revista Histedbr On-line** Campinas, n.38, p. 49-59, 11 págs. jun.2010. Disponível <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf> acesso: 10 de junho de 2021.

CORES E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Elizabeth Maria Lavitschka Oliveira

RESUMO

Esse estudoobjetiva analisar as cores no processo do ensino- aprendizagem de artes visuais na Educação Infantil. Indubitavelmente as cores despertam os interesses das crianças, estimulam a percepção e a expressão, influenciando diretamente no aprendizado de artes visuais. O contato com as cores envolve, além do desenvolvimento sensorial, motor e cognitivo, o aprendizado muito rico e significativo das artes visuais. A realização deste trabalho foi possível com a realização de um projeto em sala de aula onde a utilização das cores foi experimentada como elemento facilitador do aprendizado de artes visuais na Educação Infantil e através do estudo de alguns artistas que tem as cores como objetos de suas obras.

Palavras chaves: Aprendizagem – cores – artes visuais – criatividade – conteúdo – criança.

INTRODUÇÃO

O presente estudo buscou identificar e analisar alguns aspectos referentes à relação e o uso das cores no aprendizado de artes visuais com crianças entre 03 e 04 anos. O trabalho teve como foco alunos do CEMEI - Centro de Educação Municipal do Ensino Infantil Professora Valdira Maria Resende Silva na cidade de Bom Despacho em Minas Gerais.

Para o trabalho foinecessário fazer uma revisão bibliográfica sobre o tema, estudos acerca das obras de alguns artistase o registro das experiências em sala

de aula através do desenvolvimento de um projeto com cores.

DESENVOLVIMENTO

Neste trabalho, aspira-se apontar a importância das cores no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil, utilizando-se de autores que acreditam no uso das cores como um recurso positivo e facilitador para o aprendizado de artes visuais.

Este capítulo aborda uma discussão sobre as cores como um conteúdo significativo no processo na aprendizagem em artes visuais na Educação Infantil. .

Cor é a sensação provocada pela ação da luz sobre o órgão da visão. As cores só existem se pelo menos três componentes estiverem presentes: observador (visão), objeto e luz.

Vermelho, azul, amarelo, verde e muito mais. Crianças aprendem mais com o colorido ao seu redor; por chamar a sua atenção aguçando a curiosidade.

O estudo das cores na Educação infantil tem muitos objetivos, entre eles: desenvolver a coordenação motora, aguçar o raciocínio lógico, a criatividade, memorização e a sensibilidade. Neste sentido muitas atividades são propostas; relacionar cores e números, relacionar cores e formas geométricas, relacionar cores e som, relacionar cores, letras e palavras; todas estas podem proporcionar aprendizados significativos e interdisciplinares. Dentro desses objetivos podemos trabalhar e construir juntamente com a criança vários jogos, como: Boliche com garrafas pet pintado com as cores primárias; Caixas de papelão pintadas com as cores primárias são recursos de baixo custo que auxiliam as crianças a identificarem as diferentes cores, além de jogos de letras, com tampinhas, para trabalhar a primeira letra do nome e as cores; entre outros; como proposta para que estas atividades sejam trabalhadas relacionando as cores com objetos de diferentes formas e tamanhos.

Além de proporcionar atividades concretas e construtivas, o uso das cores na escola pode promover o desenvolvimento da integração social da criança, por meio de seus sentimentos que podem ser expressos também pelas cores. Pelo

uso das cores é possível também o desenvolvimento de conhecimentos específicos das artes visuais

Para isto é importante entender como o nosso cérebro é capaz de captar cores e desencadear no organismo diferentes estímulos proporcionando o aprendizado das crianças sobre o universo das cores. De acordo com isso, Luciano Guimarães (2004) ressalta que as cores são processadas de uma forma muito individual para cada pessoa. Cada pessoa tem preferências por determinadas cores e, desta forma, o cérebro de cada uma reage de uma forma na medida em que é estimulado pelas cores dos objetos externos. O que importa afirmar é o fato de que as cores têm influência sobre o cérebro e, por meio desta influência o direciona para a construção de determinadas habilidades e preferências. Para tanto, justifica-se que, no caso das crianças da educação infantil elas sejam utilizadas no aprendizado. A criança ao visualizar as cores, consegue perceber, transmitir e recordar memórias e emoções; isto acontece pelos efeitos psicológicos que as cores tem sobre elas. Segundo Sérgio Brondani “as cores constituem estímulos psicológicos para a sensibilidade humana, influindo no indivíduo, para gostar ou não de algo, para negar ou afirmar, para abster-se ou agir”(2006, p.41). Assim, é na educação infantil como cita Marie Lacy (1996) que, o contato com “tons quentes de rosa, pêssego e damasco proporcionarão às crianças a sensação de segurança que é tão importante para elas. (...) e os tons claros combinados com estas cores quentes criam um ambiente relaxante, calmo. Ainda Lacy (1996, p.45) afirma: “O laranja é benéfico para as crianças tímidas, mas também para as extrovertidas, porque canaliza suas energias para a criatividade. Portanto, a cor influencia no comportamento e bem-estar da criança.

Conforme pode ser observado em BRASIL, pode-se perceber o seguinte sobre o trabalho com arte na escola:

Entende-se que aprender arte envolve não apenas uma atividade de produção artística dos alunos, mas também a conquista da significação do que fazem, pelo desenvolvimento da percepção estética, alimentada pelo contato com o fenômeno artístico.(2006, p. 32)

Estudar arte contribui tanto no desenvolvimento psicomotor como no desenvolvimento cognitivo da criança.

Ferreira (2008) explica que a utilização das cores contribui para o desenvolvimento da criança, principalmente por meio do aprimoramento da capacidade motora e cognitiva, sensorial, raciocínio, audição. Essa autora ressalta que, por meio da utilização de cores, o professor pode tornar mais efetivo as aprendizagens que são geradas por meio de jogos, brincadeiras, objetos coloridos que possibilitem o despertar para o conhecimento.

Segundo Daniela Coleto

Os seres humanos são dotados de criatividade e possuem a capacidade de aprender e de ensinar. A criatividade da criança precisa ser trabalhada e desenvolvida, e é por meio do trabalho realizado com a arte nas escolas que isso será possível. (2010, pg.139):

E para ocorrer esse desenvolvimento, o aluno necessita conhecer cores, linhas, luz e sombra, matérias que serão suporte em suas criações artísticas.

Diante disto, busquei pela arte com o uso das cores uma forma de tornar a atividade de ensinar e aprender mais significativa.

No livro Psicologia das Cores da arte-educadora Kacianni Ferreira (2008), consta de forma clara, concisa e interessante, diversos assuntos de estreita relação com as cores, como por exemplo: estudos das cores e da luz; os discos e sistemas de cores, relação entre cores. Nesse livro, além das características, classificações, dimensões, sensações, associações, efeitos e simbologias das cores; encontra-se sobre, um estudo das relações das cores com o aprendizado.

Conforme afirma o educador e escritor Rubem Alves deve-se:

Dar sabor ao nosso saber e ensinar os alunos a degustarem as coisas. E por que não "degustar" as cores com as crianças? Se dermos sabor às atividades, elas serão realizadas com muito mais alegria e prazer. E é disso que nossas escolas e alunos precisam: de saber com sabor, para aprenderem com gosto e satisfação.(1994, p. 26).

Um exemplo disso é como as cores podem ser utilizadas para gerar aprendizagens mais significativas. Se o professor deseja que seus alunos descubram sobre as propriedades de alguns alimentos, nada como relacioná-los

às cores. Os alunos podem relacionar o vermelho ao morango, o amarelo ao abacaxi, o verde ao limão e o laranja ao mamão. Com isso, as frutas oferecem uma alternativa lúdica para que as crianças memorizem os diferentes tons das cores que podem estar relacionadas aos sabores.

Na Educação Infantil, brinquedos, jogos e brincadeiras são ferramentas pedagógicas muito ricas. Por meio delas, é possível mostrar objetos coloridos que estão na sala de aula e na escola, de modo geral, e fazer relação com as cores das coleções (lápis de cor e/ou giz de cera) que elas utilizam, assim como também comparar as cores com elementos da natureza, como o céu, o Sol, a Lua, as estrelas, as nuvens, as árvores, as frutas, os rios ou mares, os passarinhos etc. Ainda, Ferreira (2008) diz que é interessante pedir à criança que identifique as cores, expresse o que aprendeu sobre esta percepção, por meio da fala, de um gesto, de uma brincadeira, de um desenho etc. Isso aguçará sua curiosidade, imaginação e criatividade, levando a ter mais autoconfiança.

A arte-educadora Ferreira (2008) ainda complementa que atividades que estimulam a percepção e relacionam as cores ao mundo imaginário e real são extremamente significativas para crianças pequenas, portanto, sugere que sejam realizadas constantemente, tanto em ambiente escolar como no familiar.

No processamento sensorial a criança recebe o estímulo, transformando-o em uma orientação e interpretação a uma resposta adequada a executar; neste contexto as cores auxiliam por despertarem a curiosidade levando-a a buscar conhecer o mundo através dos sentidos.

A arte sensorial pode ser instigada pelas cores e possibilita ao aluno explorar de modo livre os espaços e objetos, favorecendo a experiência da transformação por diferentes estímulos provenientes do contato com os objetos, onde a interação com o material pela exploração favorece a comunicação não-verbal, expressão corporal, possibilitando a liberação de uma imaginação criativa e uma nova visão e percepção do mundo que a rodeia e de si próprio.

ARTISTAS, CORES E PROCESSOS

Bruno dos Santos

2.1 TEORIAS DAS CORES

A utilização das cores pelo homem está presente desde os tempos mais remotos, como nas pinturas rupestres, onde imagens eram desenhadas utilizando tintas naturais encontradas no ambiente. Durante toda a história humana, as cores representaram diferentes papéis em diferentes culturas, as cores eram utilizadas nos brasões, nas bandeiras para representarem diferentes situações ou riquezas das nações, para sinalizar situações de paz, guerra ou luto, entre outras. Desta maneira, é muito importante que seja realizada uma análise sobre a presença das cores no dia a dia e como sua percepção é fundamental para a construção de aprendizagens em diversos campos do conhecimento.

Ao falar das cores, encontramos duas linhas de pensamento distintas: a Cor-Luz e a Cor-Pigmento. Falar de cor sem falar de luz é impossível, mesmo se tratando da Cor-Pigmento, pois ela, a luz, é imprescindível para a percepção da cor, seja ela Cor-Luz ou Cor-pigmento. No caso da Cor-Luz ela é a própria cor e no caso da Cor-Pigmento ela, a luz, é que é refletida pelo material, fazendo com que o olho humano perceba esse estímulo como cor.

As cores se dividem em primárias e secundárias e terciárias. As primárias ou puras, não se formam da mistura de outras cores, ou seja, é a partir delas que todas as outras são formadas. São elas: Amarelo, Vermelho Magenta e Azul Ciano. As cores secundárias são as obtidas da mistura de duas cores primárias. Assim, misturando o amarelo e o vermelho, obtemos a laranja; ao misturarmos o amarelo e o Azul Ciano, obtemos o verde; e ao combinarmos o Vermelho Magenta e o Azul Ciano temos o violeta. Já as cores terciárias são obtidas pela combinação de 3 cores primárias com as 3 cores secundárias, em qualquer proporção. Desta maneira, obtemos qualquer outra cor.

As crianças nas aulas de artes ao misturarem as cores com os dedinhos estão estimulando o sensorial, relacionando o contexto das cores em seu cotidiano.

É um método que influencia significativamente o aprender, descobrir,

despertar para o mundo absorvendo conhecimentos.

O Sistema de Cores Aditivas – RGB – Red (vermelho), Green (verde) e Blue (azul), é baseado na teoria da visão colorida tricromática de Young-Helmholtz e triângulo de cores de Maxwell; utilizando-se da combinação de cores para produzir outras diferentes, gerando milhões de tonalidades e contrastes como os tons pasteis.

No Sistema RGB as tonalidades são representadas em uma escala de 0 a 255, onde o branco possui a intensidade máxima (RGB: 255) e o preto a ausência (RGB: 0).

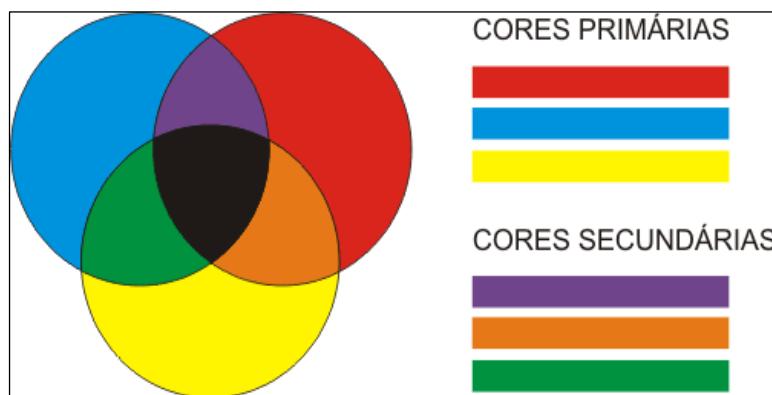


Figura 1: Cores-pigmento primárias e secundárias Fonte: <http://www.desarrolloweb.com/articulos/1491.php?>

Na Educação o conteúdo pode ser explorado mesmo com as crianças bem pequenas, e as atividades podem ser escolhidas de acordo com o nível motor e de cognição de cada faixa etária. Atividades lúdicas com cartelas de cores, sobreposição de cores com papéis transparentes e exercícios de pontilhismo com tintas aproximando as cores primárias até se obter as cores secundárias.

Para a compreensão desse aspecto, é oportuno ressaltar o que foi o pontilhismo. Trata-se de uma técnica de pintura surgida na segunda metade do século XIX que foi amplamente utilizada por pintores neo-impressionistas franceses. De acordo com Felipe Araújo (2015) trata-se de um estilo que utilizava a justaposição de pontos de cor, criando o efeito desejado pelo pintor, nos olhos do observador. Entre os diversos artistas que impulsionaram esse tipo de estilo

destacaram-se Edgar Degas, George Seurat e Paul Signac, cujos trabalhos são descritos a seguir.

Paul Signac foi um pintor que explorou as possibilidades da pintura pontilhista, conforme pode ser observado na Figura 2.



Figura 2: A bóia vermelha – 1895
Fonte: joaobatistaartes.wordpress.com/2011/05/24/pontilhismo

Foi Paul Signac que ensinou a Georges Seurat o pontilhismo e como amante de barcos, as diversas viagens o levaram à inspiração quanto ao uso de novos tons de cores para retratar a claridade das paisagens das diferentes regiões por onde passavam em suas viagens; o que se observa na obra:

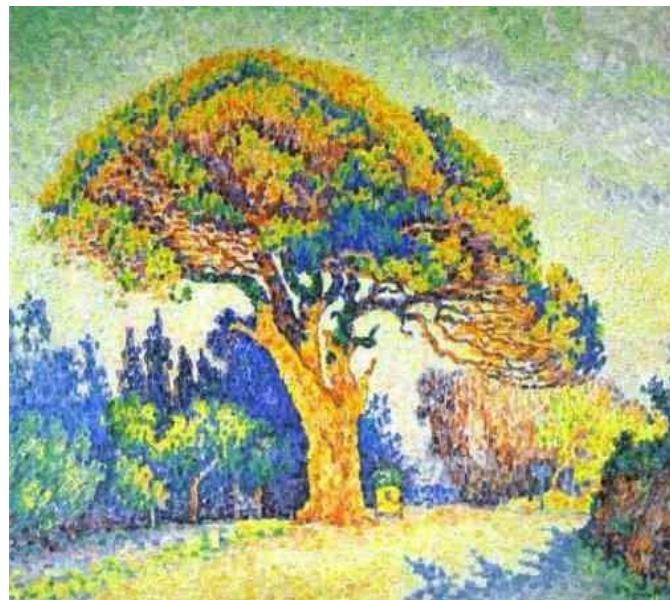


Figura 3: The Pine Saint Tropez; 1909

Fonte: www.paul-signac.org/

De acordo com Batista (2011), outro pintor responsável pela divulgação do pontilhismo foi George Seurat. Foi um dos principais artistas do movimento pontilhismo, reduziu as pinceladas a um sistema de pontos uniformes, que no seu conjunto proporciona ao observador a percepção de uma cena.

Em suas obras, como por exemplo, “Tarde de domingo na Ilha Grande” (Figura 4), observam-se pessoas em um parque, numa cena típica do século XIX. Toda a imagem da cena foi construída a partir de pequenos pontos com todos os demais elementos da tela foram pintados desse modo.

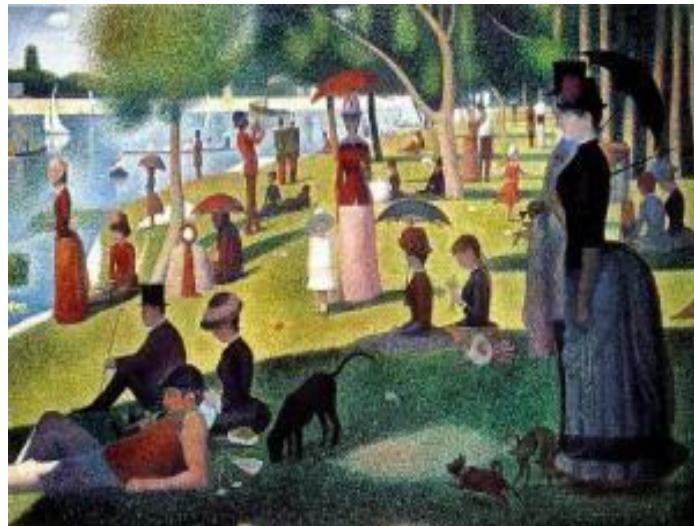


Figura 4: Tarde de domingo na Ilha Grande; 1894. Fonte:

Bruno dos Santos

joaobatistaartes.wordpress.com/2011/05/24/pontilhismo

As crianças nas aulas de artes ao misturarem as cores com os dedinhos ficam estimuladas, pois através dos sentidos (visão e tato), ampliam a forma de percepção, e quando bem orientadas conseguem relacionar a experiência em seu cotidiano e ampliam o modo como identificam e se expressam por meio das cores.

Neste momento é importante o professor apresentar trabalhos dos artistas com as cores e o contexto nas quais suas obras foram criadas. Ou mesmo de cartazes publicitários gerados pelo sistema de policromia e outros estímulos onde a cor prevaleça e chame a atenção das crianças.

É um método que influencia significativamente o aprender, descobrir, despertar para o mundo absorvendo conhecimentos.

O papel das cores nas artes influencia o desenvolvimento da imaginação, aprimorando o olhar do aluno na construção e renovação, recriação.

A percepção das cores contribui com o processo de comunicação visual, proporcionando absorção de ideias referentes ao contexto que estão inseridas, ajudando a refletir sobre a realidade.

CONSIDERAÇÕES

O objetivo geral do estudo foi analisar a utilização das cores no processo ensino-aprendizagem.

As cores possuem importante relação com as crianças, para o professor de arte é um importante recurso como meio para o aprendizado de diferentes conteúdos pelo fato de que as cores determinam efeitos psicológicos sobre elas, contribuindo para a construção de suas identidades, expressões e atitudes, com significado determinado pela cultura (Jackson, 1994).

Através da reflexão e análise do projeto dentro da sala de aula, buscou-se um aprofundamento sobre estes vários aspectos do estudo das cores.

No desenvolvimento das atividades propostas surgiram questionamentos dos alunos quanto à combinação de cores, uso de formas geométricas,

capacidade de conseguirem fazer igual ou melhor que os outros, questões que reafirmaram a contribuição que atividades não formais de educação proporcionam um crescimento intelectual e levam em consideração os ritmos de aprendizagem de cada aluno.

REFERÊNCIAS

ALVES,Rubens. *A Alegria de Ensinar*. São Paulo: Ars Poetica,1994.

ARAÚJO, Felipe. *Pontilhismo*. 2015. Disponível em: <http://www.infoescola.com/artes/pontilhismo/>. Acesso em 7 jan 2016.

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

BATISTA, João. *Pontilhismo e principais artistas*. 2011. Disponível em: <https://joaobatistaartes.wordpress.com/2011/05/24/pontilhismo-e-os-principais-artistas-5%C2%AA-serie-6%C2%BA-ano/>. Acesso em 05 jan 2016.

BARROS, Lílian. *A cor no processo criativo: um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe*. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte*. volume 6 2, Brasília: MEC/SEF, 2006.

BRONDANI, Sergio A. *A percepção da luz artificial no interior de ambientes edificados*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2006.

CASTRO, Rosana. C. R. O pensamento criativo de Paul Klee *Per Musi*, Belo Horizonte, n.21, 2010, p.7-18.

COLETO, Daniela Cristina. *A importância da arte para a formação da criança.* Revista Conteúdo, Capivari, v.1, n.3, jan./jul. 2010.

FERREIRA, Kacianni. *Psicologia das Cores.* São Paulo: Wak Editora, 2008.

GUIMARÃES, L. *A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores.* 3^aed.rev.São Paulo: Annamblume, 2004.

JACKSON, R. M. (1994). *A Computer Generated color: Guide to presentation and display.* New York: John Wiley & Sons.

LACY, Marie L. *O poder das cores no equilíbrio dos ambientes.* A cor nos estabelecimentos de ensino. P. 41-45. São Paulo: editora Pensamentos – Cultrix, 1996

PARTSCH, Susanna. *Klee.* Seul – Coreia:Paisagem,2005.

PASTOUREAU, Michel. *Dicionário das cores do nosso tempo: simbólica e sociedade.* Tradução: Maria José Figueiredo. Lisboa: Editorial Estampa, 1997

RUBEM, A. *A Alegria de Ensinar.* 3. Ed. São Paulo: ARS Poética Editora, 1994.

SANTOS, M. L. *Arte-educação e tecnologia no ensino médio: reflexões a partir da proposta triangular.* 2006.

SANTOS, Adriana Maria; FRATARI, Maria Helena Dias. *Artes Visuais na Educação Infantil.* 2011.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Adriana Maria Viana

“A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede” **Carlos Drummond de Andrade**

Resumo

Este estudo tem como finalidade de compreender a construção do conhecimento infantil dando ênfase a leitura, utilizando dos livros infantis como trabalho pedagógico que pode ser realizado dentro de sala de aula, para aquisição da linguagem oral da criança. Este enfoque temático foi efetuado através da leitura mediante as pesquisas bibliográficas de autores na Educação, em turmas de iniciação a alfabetização. Os estudos se fundamentam com autores tais como Solé (1998) no qual possibilitou um conhecimento teórico sobre o tema estudado. A utilização dos livros infantis serve como instrumento mediador, que auxiliam o trabalho pedagógico do educador, quanto a sua preocupação em propiciar aos seus educandos condições indispensáveis para o bom desenvolvimento da leitura. A escola tem grande responsabilidade em desenvolver o gosto pela leitura, é necessário que levar os alunos até os livros, os jornais, as revistas e assim teremos crianças e adolescentes críticos e autônomos, capazes de construir sua própria história.

Palavras-chave: Leitura, Livros infantis, Conhecimento, Linguagem oral e Trabalho pedagógico.

Adriana Maria Viana

Introdução

Este trabalho tem como finalidade contribuir para formação de leitores no processo educacional, incentivando o gosto pela leitura podendo torná-la prazerosa.

Busca refletir sobre questões de leitura na escola, com intenção de discutir sobre a necessidade de se desenvolver uma proposta didática pedagógica.

A função do educador para essa atividade deve ser de muita responsabilidade, pois precisa orientar, acompanhar, estimular sempre e ajudar o aluno a vencer suas dificuldades.

Além disso, a literatura é um grande marco que contribui para o desenvolvimento educacional tais como: histórias infantis, poesias, contos de fadas, teatros.

Partindo desse pressuposto, o educador deve considerar o conhecimento prévio do educando, pois a leitura inicia-se no próprio contexto social onde vivemos, a partir de nossas histórias de vida, de nossos conhecimentos providos das visões de mundo.

CAP. I – Uma Discussão inicial sobre a temática

“Se a educação é a arte de cada um se relacionar com outrem e a pedagogia a arte de ensinar as letras, o sonho é a arte de relacionar os outros com os fantasmas e os fantasmas com as palavras. Se o sonho não nos ensinasse a fabricar dragões e a matar dragões, como havíamos de aprender as palavras e as letras que nos explicam que não há dragões para matar? Não se pode ensinar a arte de matar dragões porque não há dragões para matar mas quando a nossa fantasia nos diz que eles existem, não temos outro remédio

senão aprender a matá-los..." (João dos Santos, O falar das letras, 1983, p.224)

Ao ingressar na escola, a criança adquire novas experiências, novos valores, que irão enriquecer o aprendizado já estabelecido e trazido do seu convívio familiar, ou seja, do seu mundo. Já que, cada criança é um ser único com sua bagagem pessoal de vivências.

A leitura nesse universo escolar tem como finalidade reforçar esses conhecimentos adquiridos anteriormente, e dar novos conhecimentos à criança é transmitido oralmente à criança através das histórias, e têm como objetivo conduzir a criança na arte da boa leitura, na compreensão daquilo que lê, da pronúncia e articulação, no enriquecimento do vocabulário e dar maior conhecimento à língua vernácula¹, facilitando com isso os meios de expressão falada e escrita, também proporcionar um crescimento cultural, despertar valores, éticos, morais e espirituais na criança.

Paulo Freire, p.28,1996 declara que, “A leitura de mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a comunidade da leitura daquela”. A leitura nos dá condições para entendermos o mundo, ela nos decifra aquilo que está escrito, nos comunica ou informa sobre algo, e a leitura juntamente com as literaturas, ambas dá ao homem autonomia, pois amplia a visão holística² do ser humano, dando-lhe o ato da reflexão, da análise, proporcionando-lhe um raciocínio mais claro e lógico, e na Educação Infantil melhora o desenvolvimento cognitivo da criança, que por sua vez torna-se capaz de opinar e decidir com segurança seus objetivos.

Ensinar o “ato” de ler, não é simplesmente ensinar a criança a ler o mundo, mas sim um “ato” de amor.

A leitura mexe com a imaginação, pensamento e ajuda na formulação de ideias,

¹ Vernáculo: adj. 1 – Próprio da região em que existe. 2. Diz-se da linguagem pura sem estrangeirismo; castiço. SM. 3. O idioma de um país – ver. na. cu. li. da. de.

² Visão Holística: adj. 1- Relativa ou própria de holismo. 2. que da referência ao todo ou a um sistema completo e não a análise, à separação das perspectivas partes componentes.

visto que, um homem evoluído tem mente evoluída, e esta é a tarefa principal do hábito da leitura e da Literatura Infantil, formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres nesta sociedade.

Este trabalho tem como objetivo compreender como leitura Infantil é importante no processo de aquisição da linguagem oral da criança. Deste modo, o enfoque desta pesquisa postula-se na relevância a importância da leitura, e para nós educadoras este estudo nos leva a suprir nossa necessidade de saber como despertar o interesse pela leitura dentro e fora da sala de aula.

Tradicionalmente, a leitura pode ser incentivada por meio da literatura infantil, através dos contos de fadas, na qual trazia alívio ao sofrimento infantil em face de fortes emoções, através de resgate, escape e consolo, como brilhantemente ilustrou Bettelheim em seu “A Psicanálise dos Contos de Fadas”. O alívio advinha do evoluir da psique para um estágio mais maduro, porque o conto de fadas elabora de forma simbólica os conflitos entre a criança e o mundo. Tratava-se de evoluir para ser feliz, nas últimas décadas temos observado um nítido desinteresse pelos contos de fadas tradicionais. Há mesmo uma tendência a distorcer e a escarnecer destas histórias, através das conhecidas piadinhas em que, por exemplo, a princesa beija o sapo e transforma-se em uma sainha. Ocorre que as pessoas continuam interessadas em histórias, mas por um novo tipo de histórias, com uma diferente abordagem da psique e do estar no mundo. As histórias de hoje trazem alívio psicológico sobre um diferente enfoque: aceitar- se e acreditar em si para ser feliz.

Durante séculos o bem-estar do indivíduo entrava em oposição ao interesse comum. O que era bom para a sociedade não era necessariamente bom para o indivíduo. Casamentos arranjados, regras profissionais, tratados comerciais e políticos massacram até mesmo os reis. Por outro lado, o que era bom para o indivíduo não era bom para a sociedade. Liberdade de escolha, criatividade e espontaneidade – privilégio de poucos - ameaçavam a produção, a defesa do solo e a família, que, sem o controle de paternidade e sem a autonomia das mulheres, necessitava do arrimo masculino.

De Platão à Comte, os pensadores tradicionais incentivaram os homens a cultivar o melhor em si mesmo, seguindo modelos pré-idealizados que visavam o interesse comum. O Eu era imperfeito e necessitava de autocontrole severo.

Quem ousasse discordar das regras estabelecidas sofria desprezo, humilhações, exílio e até a morte. Na contramão da cultura, pensadores como Nietszche denunciavam o que diziam ser uma técnica de antropometria a escravizar o espírito humano; defendendo o direito à liberdade e à felicidade pessoal. O Eu é perfeito, necessitando apenas florescer, manifestar-se, sendo-lhe impossível tornar-se um Eu diverso, ou melhor.

Eis que, nas últimas décadas do século XX, o individual vem ganhando cada vez mais espaço, em detrimento de valores tradicionais. Divórcio, homossexualismo, celibato, tolerância religiosa, nada escandaliza a sociedade atual, que através de suas leis trata de garantir os direitos fundamentais.

Tempos mais felizes aguardam as crianças que são criadas com histórias mais atuais como À Procura de Nemo, a sequência de Shrek, entre outros novos contos de fadas. Nessas histórias, a tônica é a manifestação do Eu, a aceitação da individualidade, a que se reconhece o direito de SER em um mundo mutante aberto a infinitas possibilidades.

No conto de fadas tradicional o herói (o príncipe, ou seja, o filho) tem uma missão a cumprir e seu mérito é a vitória. Nas novas estórias o mérito é a persistência. Na estória de Nemo, o herói está invertido: não é o filho que parte para salvar o pai, e sim o pai que parte para salvar o filho. Quando este pai não chega a tempo – pensa que fracassou – continua simpático ao expectador e merecedor de todo o apoio de seus aliados (os pelicanos e a peixinha).

O conto de fadas tradicional parece querer moldar o espírito infantil para o sacrifício e a busca de valores pré-estabelecidos, mas cabe-nos destacar que apesar de parecer uma crítica aos contos tradicionais, não entendemos como tal, pois a sociedade atual ainda requer muito desse pensamento coletivo. Seus

heróis perdem partes do corpo, renunciam a prazeres, trabalham arduamente, conquistam princesas, animais encantados ou objetos de ouro enclausurados em torres ou palácios, sob a guarda de ferozes dragões, bruxas ou encantamentos.

Cada vez mais surgem evidências de que os sistemas de crenças produzem efeito decisivo sobre o funcionamento do ser humano, tanto psíquico quanto fisiológico, de modo que crenças que nos infundem esperança de vitória são de grande ajuda na superação de dificuldades, mesmo na vida adulta. Alguns autores vão mais além ao afirmar que, se por qualquer razão, uma criança for incapaz de imaginar seu futuro de modo otimista, ocorrerá uma parada no seu desenvolvimento geral. E trazer mensagens da vitória do bem sobre o mal é o que os contos de fadas fazem com maestria. Evocam sempre uma verdade atemporal.

A criança, internamente, fará a transposição para a sua realidade atual. E em função de suas necessidades psíquicas momentâneas, vão reelaborando seus conteúdos internos através da repetição da história. É por isso que tão comumente vemos as crianças pedirem a seus pais que repitam a mesma história inúmeras vezes (ou desejam ver o mesmo filme repetidamente), que a contém novamente sem nenhuma modificação: trata-se da referência que ela está usando para compreender-se, para elaborar suas angústias ainda não resolvidas. Além disso, a repetição lhe dá uma confirmação do conteúdo que ela está processando e precisará dessa confirmação até que o conflito interno esteja solucionado. Só então deixará de solicitar aquela história.

Outra função importante dos contos de fadas é a de resgatar o “tempo da alma”, pois a vida infantil precisa cumprir cada etapa do seu desenvolvimento para que uma estrutura psíquica equilibrada possa ser elaborada. A alma tem um tempo próprio, característico, ainda ditado pelos ritmos da natureza, que não costuma ter pressa. O “tempo da alma” é que regula o passo das fases do amadurecimento humano, em oposição à ansiedade e acúmulo de demandas, cobranças e pressões de toda sorte que a sociedade moderna exerce sobre os

indivíduos, mesmo sobre as crianças.

A prática do compartilhamento dos contos de fadas deve ser estimulada porque nessa atividade fica mais fácil para as crianças falarem sobre suas angústias, partilhar suas dúvidas e ansiedades sem se expor. Isso é possível pois, ao comentar uma história, estarão falando dos seus sentimentos, mas não diretamente de si próprias, já que estarão utilizando o recurso das personagens e de uma situação fictícia como apoio. Vale lembrar que em meio a esse tipo de atividade não cabe qualquer espécie de julgamento moral ou censura, pois o que importa aqui não é ensinar às crianças como se comportar (o que, por sinal, a própria história já faz, de uma maneira muito mais rica e ilustrativa, ao mostrar as consequências dos atos de cada um), mas oferecer às crianças a oportunidade de expressarem suas dificuldades emocionais de uma maneira protegida.

Sintetizando, os contos de fadas passam às crianças a mensagem de que na vida é inevitável termos de nos deparar com dificuldades, mas que se lutarmos com firmeza, será possível vencer os obstáculos e alcançar a vitória.

Ao ouvir uma história, o imaginário da criança é acionado e inconscientemente, as emoções provocadas pelos medos, frustrações, amores, desejos, sentimentos os mais variados, atingem diretamente a camada endodérmica. Daí porque, enquanto ouvem as histórias, emocionam-se com tal intensidade que têm “frios na barriga”, sustos, etc.

1.1 – Justificando a escolha

Ao pensar neste título para trabalho de conclusão de curso, vi o que mais nos deu prazer em relação a aprendizagem foi a importância da LEITURA e da ESCRITA. Achei interessante esse assunto, e desse modo surgiu o tema: “A Importância do prazer da leitura”. Diante disso surgiu a preocupação enquanto educadora, na tentativa de preencher a necessidade de compreender o

desenvolvimento da linguagem oral da criança e a importância de despertar o interesse nesse aspecto, a maneira como trabalhar em sala de aula, esta por sua vez, tem um trabalho não muito rico em atividades significativas. Em que o educando expressa alguma coisa por alguém, buscando o gosto pela leitura e o prazer por si e pelos livros, histórias e acontecimentos etc. Seu mundo é dar asas a imaginação. Podemos compreender melhor a importância do incentivo a leitura, de forma não mecanizada, mas relacionadas ao cotidiano da criança. Desta forma, essa temática poderá servir como subsídio para a prática educacional dos educadores, atendendo as dificuldades que poderão surgir no decorrer da construção do processo de ensino-aprendizagem.

No processo educacional a leitura é fundamental sendo que a Literatura Infantil também contribui para o desenvolvimento na formação de valores éticos na criança, ela também contribui para o bom desenvolvimento e condicionamento emocional e psicológico. É a linguagem psicológica que dá realização ao imaginário infantil, além de desenvolver a linguagem, ela também desempenha uma função social, pois constrói o bom senso de maneira clara e simples.

Para isso cabe ao professor estimular cada vez mais, com diferentes textos e livros.

1.2 - Situando o problema

Os estudos comprovam que o processo do desenvolvimento infantil é dependente e individual a cada criança, ou seja, de suas experiências e das construções cognitivas que realizam no ambiente em que interagem.

E o educador dentro desse processo é um mediador, já que é ele que vai estimular o educando a ser o agente direto de sua aprendizagem. Nesse contexto a leitura é parte inerente, pois ela pressupõe a busca do conhecimento, principalmente nas séries de iniciação a alfabetização.

O enfoque desse trabalho pretende descobrir como ocorre o desenvolvimento

da linguagem oral da criança nesse período de alfabetização, ou seja, como ocorre o processo de ensino aprendizagem, tendo a leitura como parte integrante, além de vermos com precisão; como vem sendo trabalhada a Leitura Infantil no sentido de buscar sua real importância, tendo como objetivo dar às crianças oportunidades de desenvolvimento em todos os aspectos: cognitivos, afetivo, social.

1.3 - Definindo objetivos

Geral: Analisar a importância da Leitura para o desenvolvimento da linguagem oral da criança. e despertar o gosto de ler.

Específicos: Discutir o posicionamento de diferentes autores sobre a importância da leitura para o desenvolvimento da linguagem oral da criança; levantar os princípios psicopedagógicas que orientam a prática pedagógica de professores da Educação.

CAP. II – O significado da Leitura

Entre 1960 e 1970 a escola confrontou-se com um problema de leitura que ainda não conseguiu superar. O “saber ler” era quase que totalmente confundido com a possibilidade de conceder um significado escrito.

A escola se preocupa em desenvolver a língua, mas a leitura é um ato que vai muito além disto. E para que os alunos aprendam, é preciso, antes de tudo, ressignificar o conceito de leitura.

Ler não é apenas passar os olhos sobre algo, não é fazer uma versão oral do escrito. Ler significa interagir com o texto, com o autor, pelo mundo e por si mesmo. Significa construir respostas com base neste mesmo texto e significa integrar a nova informação com as já existentes.

Está sob a responsabilidade da escola, possibilitar ao aluno o acesso a uma diversificada experiência com a leitura, com o texto escrito e como a linguagem, que se configura nas diversas situações do dia - a dia. Cabe a escola possibilitar situações em que o aluno possa interrogar a escrita, explorá-la, fazer considerações, e formular uma opinião sobre o que foi escrito.

Oportunidade de ler e explorar a escrita de uma forma não linear, só é possível quando se pode correr o risco de errar, quando se tem oportunidade de ir e vir, de confrontar ideias. Infelizmente muitos educadores ainda não tomaram ciência disto, ainda se utilizam métodos obsoletos em relação à leitura.

2.1- O prazer pela leitura

Ler é muito bom, como sua maioria concorda. Autores como Perisse (2008), questionam que quem lê tem interesse em ler melhor e destaca que os próprios professores fazem com que os alunos se desinteressem pela leitura, quando os obrigam a fazê-las sem interesse.

Em geral muitos professores alertam para os benefícios de uma boa leitura, mas, a verdade é que a maioria faz para satisfazer um interesse imediato.

As imposições feitas para se ler, não levam a bons resultados, por isso é tão importante que o sujeito possa descobrir o prazer pela leitura. As crianças que desde cedo são estimuladas para o ato de ler, descobrem o significado da leitura, que além do prazer, amplia as possibilidades do uso do raciocínio, cria ideias e ensina a escrever.

O aluno que não foi estimulado para leitura, deve ser incentivado na escola, a descobrir uma leitura que lhe dê prazer e dedicar-se, nem que for em poucos minutos, a uma leitura diária.

Vygotski (1992) afirma que a riqueza da vivência narrativa desde os primeiros anos de vida da criança contribui para o desenvolvimento do seu pensamento lógico e de sua imaginação. Sendo assim, o primeiro contato com o livro é muito

importante para o aluno. Inicialmente pode dar-se através do tato, quando pegamos e folheamos, observamos então o nome, o autor e o índice do livro e com isto estabelecem uma amizade inicial.

O leitor precisa de liberdade ao iniciar a leitura de um livro, onde tem autoridade para poder pular página, se quiser interromper a leitura, fazer uso apenas daquele que o leva a imaginar, criticar, enfim construir seu próprio conhecimento.

2.2- Práticas da leitura em sala de aula

A prática da leitura em sala de aula deve basear-se na concepção de que ler não é decifrar como jogo de adivinhação o sentido do texto. Ler é ser capaz de atribuir significado ao texto, é conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos anteriormente lidos, reconhecer nele a significação do que seu autor pretendia, entregando-se ou revelando-se contra ele, propondo outra significação não prevista.

A leitura caracteriza-se, assim, em um processo de diálogo entre leitor e autor, um diálogo que estabelece entre as representações do mundo que o leitor traz de sua vivência e as informações que se destacam naquele momento, em determinado texto. O leitor não é um ser passivo, mas é o agente que busca informação pertinente para alcançar seus objetivos.

Para ler, necessitamos buscar com destreza e habilidades de decodificação, e aportar ao texto nossos objetivos, ideais e experiências prévias. Se envolver no texto, usando estratégia com previsão de inferência contínua.

Afirma Kleimam (2000) que “É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento do mundo que o leitor consegue construir o sentido do texto”. Sendo assim, um texto permite mais de uma leitura, em diferentes níveis de aprofundamento, e por isso a leitura é considerada um processo interativo que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão.

O conhecimento linguístico realiza uma atividade de natureza reflexiva, em que o aluno reflete sobre o próprio conhecimento tornando acessível à mudança.

Kleimam (1980) também afirma que “No entanto acredita-se que um dos muitos fatores envolvidos na dificuldade que um leitor encontra em chegar a ler fluentemente é que os textos que lê são muitas vezes difíceis demais para eles”. Por esta razão, para uma visão tradicional, a noção básica para se aprender a ler está voltada exclusivamente para os problemas linguísticos relacionados com a tarefa de decifrar o nosso sistema de escrita. Se o aluno desconhece algumas palavras, podem trazer problemas de ordem linguística na compreensão do texto.

A compreensão do texto escrito envolve a compreensão de frase e sentenças de argumentos, de provas formais e informais, objetivos e intenções de compreender desde uma charada a uma obra de arte.

Cabe a escola considerar o conhecimento prévio do aluno, promover sua ampliação de forma progressiva durante o ensino fundamental, para que o aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos, que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão de produzir textos eficazes nas variadas situações.

2.3 – Os níveis da Leitura

O que significa ler? Significa decodificar símbolos.

Ler não é apenas isso, é muito mais. É necessário que todos tenham uma versão ampla do que é ler, para assim ampliar seu trabalho, ampliar a visão de mundo de seus educandos de forma que eles possam efetivamente participar da história de seu povo e construir sua própria história. Uma prática de leitura bem conduzida pode perfeitamente levar para uma boa produção de textos. Isso não quer dizer que, quem lê bastante, automaticamente, escreva bem, mas o que se pode garantir é o caminho para o domínio de produção de textos, é a leitura.

Segundo Kleiman (2000) as dificuldades de compreensão se devem prioritariamente às falhas no chamado conhecimento de mundo ou conhecimento enciclopédico, que pode ser adquirido tanto formal como informalmente.

Partindo desse pressuposto, a leitura inicia-se a partir da própria pessoa, a partir de sua história de vida e sua leitura de mundo. O gosto é do aluno e, para ele não existe autor clássico ou não clássico, o que está em jogo é o texto e o prazer de que a leitura lhe traz e não o autor do texto. O leitor deve ser conduzido a ver no texto um todo de estruturação e um todo de significação.

Segundo Solé (1998) a leitura motivadora deve partir dos fatos, aquela em que a criança lê para se libertar, para sentir prazer de ler, para buscar informações necessárias sem a pressão de uma audiência.

Uma das formas efetivamente eficaz de se estimular à leitura é através da leitura do mundo, ou seja, desde a mais tenra idade deveremos estimular as crianças à prática de experiências, analisar, questionar, levantar hipóteses sobre fatos, tal como, aprender usar os olhos e ouvidos para enxergar ao seu redor.

Resumindo, aprender a ler é interpretar não são simples tarefas, mas é através desta leitura exigida que o aluno entenda que leitura é um processo de interlocução entre autor e leitor.

Leitura é gosto, e não hábito. O professor deve ter prazer de se tornar um estimulador. O professor é mediador, trazer estímulo e, sedução.

A percepção de cada pessoa é única e exclusiva, todo texto produzido tem que ter leitor, se não há quem lê, não há sentido em escrever. Em consequência, um mesmo texto apresenta várias interpretações quando os alunos leem.

Deve inserir a prática com situações a serem concretamente vivenciadas de modo que o valor da leitura venha a ser importante para a vida do educando.

Daí a importância dos professores valorizar a biblioteca. Destacando a literatura infantil, ler, estudar, pesquisar é na biblioteca, é lá que os alunos viajam para o além dos conhecimentos trabalhados em classe, descobrem o mundo da literatura e aprofundam conceitos, aprendem histórias.

O gosto, admiração pela literatura, pela poesia, o prazer de ouvir e contar histórias, devem ser estimulados desde muito cedo. Sendo assim, venho inserir como surgiu a literatura e como é fundamental para contribuir para o desenvolvimento da leitura.

2.3 – A origem da literatura

A literatura Infantil (1960) tem origem nas narrativas populares européias, contadas pelos povos antigos; não há uma precisão em datas, mas muitos historiadores acreditam que a mais antiga dessas narrativas, seja uma coletânea de histórias do século VI AC., supostamente nascida na Índia, que tem por título “Calila e Dimna”, porém essa coletânea, teria ganhado o mundo somente no séc. VI AC., por meio de uma tradução persa, e posteriormente foi traduzida para os seguintes idiomas: grego, sírio, egípcio, hebraico, latim e castelhano.

Essas narrativas assemelham-se muito com os contos da mais famosa coletânea de todos os tempos “As mil e uma noites”, estudiosos da área, arriscam dizer que ambas são pertencentes ao mesmo ciclo narrativo, pois como é de conhecimentos de todas essas histórias eram passadas oralmente de geração pós-geração e ao mesmo tempo levadas os lugares distantes, pelos viajantes daquela época, podendo assim ultrapassar o tempo e as distâncias.

As duas coletâneas não somente tentam passar lições de moral e boa conduta (o bem sempre vence o mal), como também coincidem em muitos outros aspectos, tais como, tratam de temas do mundo desconhecido-irreal-fabuloso, explicitando desse modo ao leitor situações surrealista, aquelas situações

abstratas, fora da realidade e do cotidiano humano, portanto incompreendidas dentro do limite da capacidade intelectual do homem.

No século XVII, a criança era vista como um adulto em miniatura, podendo desta maneira participar das atividades apropriadas aos adultos; eram elas: esportivas ou intelectuais, deste modo, não existiam leitura destinada somente à criança, já que, esta perante a sociedade não tinha características próprias da infância, mediante isto, a educação atribuída à criança era a mesma oferecida ao adulto. A única educação diferenciada, era a educação dos filhos da nobreza e os filhos da classe desprivilegiada, os pequenos nobres deliciavam-se na leitura em grandes clássicos; já os filhos dos pobres, a esses lhe restavam ouvir histórias de cavalaria, heróis desconhecidos, lendas ou contos, que eram contadas e recontadas oralmente pelo povo, essas histórias tinham como características uma linguagem simples (popular), tornando sua compreensão fácil; formando assim as primeiras literaturas de cordel.

O século XVIII é marcado por grandes transformações sociais e econômicas, no âmbito social surge uma nova classe denominada burguesia, esta classe buscava estabilidade no poder por meio da intelectualização é nesse período que grandes artistas, pintores e escritores são valorizados, e como é de conhecimento de todos, que a educação é a grande arma de um país, há uma reorganização escolar e, juntamente a essa, a Literatura Infantil floresce.

Considerando Regina Zilberman, em seu comentário sobre o surgimento da Literatura Infantil:

“Antes da constituição deste modelo familiar burguês inexistia uma consideração especial para a infância essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente o mundo da criança como espaços separados pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum ato amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções”. (1981: p 15)

ANGELINI (1991) afirma que a Literatura Infantil como a conhecemos hoje, nasce com a publicação dos oito contos da Mãe Gansa: A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar, textos originários de antigos romances célticos-bretões e de antigas narrativas indianas.

Ainda segundo COELHO (1991) in ANGELINI “a Mãe Gansa era uma personagem de velhos contos populares, muito familiar aos franceses (mère l’Oye) sua função era contar histórias para seus filhotes fascinados ... , o nome Mãe Gansa passou a se referir a uma velha contadora de histórias;”

Em particular cogitamos que o aspecto literário, conhecido como Literatura Infantil, surge da consolidação da burguesia na sociedade, e é neste momento que nasce a concepção de infância, portanto, esse tipo de literatura neste período, ocorre como um mecanismo de massificação da sociedade proletariado a fim de alimentar a ideologia da nova classe dominante, que impõe o “ENSINO” como instrumento obrigatório, é o livro didático dentro desse quadro social tem como função colaborar para a intensificação dessa ideologia.

É notória a união estreita da Literatura Infantil, a Pedagogia, pois, os educadores da Europa assumiram a responsabilidade de criar uma leitura voltada somente para o público infantil. Podemos afirmar, ainda, que a literatura infantil não pode ser vista como arte, pois nasce com a missão de educar e de transmitir valores.

Concluímos deste modo, que a Literatura Infantil, assume duas características: primeira, a dominação do jovem, no qual assume um caráter pedagógico, transmite normas que influenciam na formação moral dos futuros adultos; a segunda promete com o interesse da criança, transforma-se num meio de acesso real, ao domínio lingüístico, a novas experiências através das leituras, este segundo aspecto é um componente importante e indispensável no desenvolvimento intelectual da criança.

Segundo Fanny Abramochiv:

“Meu primeiro contato com o mundo mágico das histórias, aconteceu quando eu era muito pequenina, ouvindo minha mãe contar algo bonito todas as noites, antes de eu adormecer como se fosse um ritual... Lembro de sua voz contando “João e Maria” e das várias adaptações que criava em relação à casa da bruxa, sempre construída com todas as comidas de que eu gostava” (1991, p. 10).

A literatura Infantil é, ao mesmo tempo, recreação e terapia, suporte de cultura e o mais importante elemento de comunicação, mas, sobretudo um instrumento de diálogo entre a criança e o adulto.

Alguns especialistas em literatura afirmam que a formação do leitor tem raízes nos primeiros meses de vida, através do convívio com histórias, lendas e poesias, narradas ou lidas pelos pais ou familiares.

Acredita-se que a própria voz do pai e da mãe durante o contar histórias supre a criança de efetividade diária, que possivelmente irá minimizar algum conflito associado em seu crescimento, construindo desse modo um adulto calmo, reflexivo, além disso, a leitura desenvolve a criatividade de uma criança.

A literatura é sem dúvida a forma de recreação mais importante na vida da criança. Ouvindo histórias, dizendo um poema, lendo, dramatizando, encenando uma peça de teatro, de todas essas maneiras a criança, desde os 3 anos está divertindo-se em seu mundo afetivo, através de símbolos e liberando seus impulsos.

A criança que desperta para o mundo e para a vida, está ávida por descobrir e entender, e essa curiosidade, esse deslumbramento, esse mistério que a cerca vão aproximá-la do mundo dos símbolos. A criança busca desvendar e compreender tudo que estimula a sua curiosidade, dando motivação ao seu crescimento.

O importante na Literatura é interessar a criança sob todos os aspectos:

intelectual, emocional, social ou ambiental, psicológico, por esta razão, dar qualquer leitura a uma criança, sem conhecê-la, poderá tornar-se prejudicial. Portanto é preciso conhecer o livro (a leitura) que será dada à criança, porque muitas histórias podem passar a ela preconceitos e mentiras, ou seja, conceitos não ortodoxos, perdendo assim, o lado pedagógico que está implícito na leitura de um livro.

A leitura é o meio mais eficaz de enriquecimento e desenvolvimento da personalidade, é um passaporte para a vida e para a sociedade.

Levar a criança a ler, apenas, não é o bastante para formar o hábito da leitura o que permanece e acompanha a criança ao longo da vida, como uma fonte de prazer, pois é preciso conscientizá-la dos valores que ela desperta, tornando a leitura mais interessante aos olhos da criança. Assim, para que uma história prenda a atenção da criança é preciso despertar sua curiosidade, estimulando sua imaginação.

Quanto ao aspecto físico é necessário oferecer as crianças os mais diversos materiais de leitura, o professor deve transformar a sala de aula num ambiente estimulante, com as mais variadas situações, em que a criança possa manifestar livremente a compreensão e os questionamentos que faz a partir da leitura de textos literários.

Por isso, o professor deve contar histórias criando assim um clima efetivo e de aproximação entre as crianças.

Ao ler uma história, o professor também proporciona esta aproximação a vantagem de o texto trabalhar com a linguagem e produção literária, permitindo que a criança conheça o fascinante mundo da Literatura Infantil.

Através da leitura de histórias pelo professor, a criança deve ser incentivada a se manifestar, a participar ativamente fazendo perguntas, comentários e interpretação oral da história.

Ouvindo história, tomando contato com livros de Literatura Infantil, a criança apresenta interesse pela leitura e produção de texto.

É importante que o professor selecione Livros Infantis no nível de interesse das crianças, e ao mesmo tempo incentive-as a escolher livremente sua leitura para que, aos poucos possam fazer a seleção, tendo liberdade de fazer a sua própria leitura.

É através da leitura que nos tornamos verdadeiros leitores. Assim percebendo, ouvindo histórias é que as crianças conseguem expressar suas emoções, sentimentos, angústias e medos.

Falar sobre a Literatura Infantil é fundamental para a criança neste processo de descobertas e aquisição de conhecimentos, pois possibilita a criança condições necessárias e adequadas para que possa vivenciar de forma imaginária papéis variados da vida humana, assim como personagens irreais que a ajudam a compreender conflitos psíquicos, desta forma o livro infantil servirá como suporte ao professor para trabalhar conteúdos diversos.

Ler é saber compreender, extrair da página impressa todo o conhecimento, toda a satisfação e riqueza que a leitura possa proporcionar: desde a fase inicial da criança, a professora deve cuidadosamente atingir as leituras de forma espontânea, para que a criança sinta segurança ao falar o que pensa e o que sente.

Deve haver uma preocupação sempre crescente não só pelo que a criança lê, mas também, pelo que a leitura lhe possa proporcionar.

Procurando sempre trabalhar e analisar a importância da leitura no desenvolvimento da criança, que é o de aumentar a contribuição na aprendizagem infantil, na linguagem oral da criança. É uma atividade própria da infância podendo se desenvolver de maneira individual ou coletiva, contribuindo desta forma com a socialização através das reações com o seu “eu” e tudo que a cerca.

CAP. III – Sem Medo da Leitura

Segundo Perisse (1998) uma criança, mesmo sendo pequenina, fica intrigada diante de qualquer objeto que não conhece. Isto é natural, já que ela o percebe, mas não o comprehende. Assim, também é natural, que a criança explore tal objeto de todas as maneiras que sabe: jogando-o no chão, cheirando-o, levando-o a boca, mostrando-o e dividindo-o com outras pessoas. Vale até mesmo brincar com objeto e com a outra pessoa. Muitas vezes o objeto se quebra, mas a criança, com certeza, aprendeu muito sobre ele porque teve liberdade para explorá-lo a sua maneira.

Será que a leitura e a escrita podem ser entendidas como um objeto, um brinquedo a ser explorado com a mesma intenção, com a mesma liberdade, pela criança? De onde vem essa nossa ideia de manter a leitura e as escritas tão aprisionadas, tão sob o nosso controle? Porque temos medo de deixar a leitura

Nas mãos das crianças? Que grande mal pode haver em nossos alunos escreverem algumas palavras ou textos quebrados, usando conhecimento prévio e uma experimentação.

Talvez o cuidado excessivo com a escrita seja de termos de consciência de valor. Mas isso pode nos levar a seguinte reflexão, foi a necessidade real que fez o homem se debruçar com maior afinco sobre este objeto, experimentando - o analisando-o.

A criança vai descobrir isso e se empenhará na tarefa de se apropriar desta invenção tão útil em sua vida cotidiana. E o educador tem um papel fundamental nisso.

Quanto a aprendizagem da leitura ela evolui em diferentes ritmos, por isso é um processo individual, apesar de se dizer na relação com o outro. O que mais uma vez reforça a importância do professor, principalmente porque não defendemos

a simples soletração, que faz de nossos alunos presas fáceis de padrões e governantes. É preciso a nossos alunos saibam ler muito bem, inclusive nas entrelinhas, para que esta competência se torne um instrumento útil de integração, de luta, de vida.

As crianças podem aprender diferentes aspectos de leitura, de maneiras também muito diferentes. Isto quer que o professor não precise nem deve aprender primeiro, e o que vem depois. A sequência: letra, sílaba, palavras, texto é um grande equívoco. Aliás, como mostram as pesquisas de Emília Ferreira, para as crianças, não existe letra sem texto nem contexto e suas pesquisas devem nos servir para voos muito maiores do que incessante avaliação da fase em que cada criança está como elas avançasse num passe de mágica e reduzindo toda riqueza do trabalho. Neste sentido, a escrita só deve surgir quando existe uma necessidade real dela, não é preciso ficar ansiosa, porque a necessidade surge a todo o momento.

Como ocorre com qualquer outro tipo de conhecimento, a leitura e a escrita são aspectos da realidade que intrigam a criança, na medida em que ela entra em contato com materiais escritos não consegue compreender. Cabe ao professor criar situações significativas, que possibilitem a liberdade de exploração dos diversos materiais de escrita, pela criança, sempre respeitando à sua maneira de agir e pensar;

Segundo Solé (1998), o professor deveria buscar situações adequadas para que os alunos pudessem construir seus conhecimentos e aplicá-lo em contextos diversos.

Enfim, a leitura enquanto processo histórico, enquanto prática social tem implicações positivas na sociedade, na qual pode provocar ações modificadoras enquanto sujeito. Podendo formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, além disso, desenvolver o senso crítico e capaz de criar sua própria história.

No Brasil estivemos escrevendo Literatura Infantil José Renato Monteiro Lobato, mais conhecido como, Monteiro Lobato, foi ele o primeiro escritor, que teve o respeito e o compromisso para com a infância, pois despertou um mundo de fantasias adormecido no imaginário infantil. Monteiro Lobato com toda certeza, revolucionou a Literatura Infantil, cujo ápice foi “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, pois nascia aí um verdadeiro universo fabuloso destinado à criança.

Segundo Laura Sandroni:

“Monteiro Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e capacidade de compreensão” (1987:p 60).

Monteiro Lobato, conseguiu resgatar o universo mágico que existe no imaginário de cada criança, e as fez sonhar com um mundo que só existe nos sonhos infantis, deste modo ajudou muitas crianças na boa formação de caráter, pois suas obras além de conter muita criatividade, retratam o certo e o errado de uma maneira sutil e delicada, que somente quem é criança consegue interpretar Monteiro Lobato não ensinou a criança a sonhar, mas sem dúvida nenhuma deu a elas milhares de novos sonhos.

Nos próximos capítulos deste projeto, iremos abordar temas mais profundamente, como a literatura infantil e os estágios de desenvolvimento psicosocial da criança, a importância da literatura Infantil no processo de aquisição da linguagem oral da criança entre outros.

3.1 – Poesia e Criança

“... ser poeta não é apenas fazer versos, prosa com rima (carvão-coração... carinho-passarinho... etc.). Ser poeta é saber ver o mundo como o vêem os anjos, as fadas, e ao mesmo tempo possuir o dom de comunicar a quem o lê o que ele vê e sente. Em resumo, é ter olhos para revelar a face das pessoas e

das coisas.”

Érico Veríssimo.

A primeira manifestação Literária se dá pela poesia, é através dela que todas as literaturas são iniciadas. Não há poesia sem literatura, assim como não existe literatura sem poesia. E a poesia, que é construída pelo homem, mostra toda sua expressão afetiva, mostra a sua sensibilidade perante a natureza, e ao seu semelhante. A mensagem mais profunda que o homem criou é a poesia.

Podemos dizer que a poesia é um dos gêneros literários fundamentais ao universo da criança. Por meio da poesia e de sua linguagem lúdica, metafórica permite a criança entrar no mundo mágico dos sentimentos e das emoções; ora diverte, emociona, ora brinca com a criança através de uma linguagem figurada.

Privar a poesia na vida da criança, e expurgar a atividade mais rica, que ela poderá realizar, já que a contemplação emocional, as expressões da beleza em si, são transfigurações da realidade objetiva ou subjetiva, e estas são características que somente a poesia contém; ou seja, “A linguagem mais viva da alma, que retrata todo o interior de um ser é a poesia”.

A criança é rica em imaginação, é capaz de construir um mundo interior e um universo cheio de mistérios, e isso é definido pela psicologia de realismo infantil, na qual, ela cria um jogo e suas regras, sem perder de vista sua própria realidade presente, devido essa capacidade de criação, é que a criança se iguala a um poeta, pois eles são os maiores criadores de mundos paralelos, e somente eles assim como, as crianças conseguem penetrá-los. E nosso dever é incentivá-la a esse realismo-infantil, para que elas possam confrontá-lo com os aspectos da realidade próxima, pois a poesia não se deve jamais desligar-se da vida real.

Na literatura Infantil, fantasia e razões compactuam entre si, e ambas se enriquecem e aproximam-se mutuamente, pois a criança tende a associá-las e

harmonizá-las genialmente uma outra, já que, fantasia e realidade satisfazem a sua alma de artista.

O hábito de ler poesia é benéfico ao aprimoramento das emoções e da sensibilidade, ele aguça e multiplica o prazer da beleza, e é capaz de levar o ser humano a visualizar elementos sonoros, podendo até mesmo senti-los, então através disto, ele recriará novos mundos, novas sensações, e o ato de criar e recriar faz parte do universo infantil, e somente a criança com sua imaginação fértil é capaz de ver a sonoridade da imagem dançando livre, onde o pensamento liberta-se para um universo analógico de infinitas recriações, e isso é fundamental no desenvolvimento cognitivo e psico-intelectual, pois estimula o crescimento de seu raciocínio lógico.

Além de expressar todo valor sentimental da palavra, a poesia explora todos os recursos da metáfora descobrindo desta maneira a magia que a língua possui, com isso ela fornece à criança a riqueza da linguagem, a versatilidade dela, o estético. Portanto ela é responsável na educação da sensibilidade, na arte de ouvir, contribuindo desta maneira para o aperfeiçoamento do ritmo frásico, para a leitura na rima e na prosa.

A poesia usa a linguagem figurada como: símbolos, imagens, comparações e não constitui barreiras para as crianças, desde que ela seja preparada e orientada pelo professor, levando em conta as proporções e interesses que dizem respeito ao desenvolvimento mental da criança, dando-lhes poesia com assuntos que elas se identifiquem.

Não devemos desvalorizar a poesia infantil achando que não é interessante para a criança. É preciso sim, mostrar e divulgar a importância e seu valor na formação do educando. Ela desenvolve o intelecto, a rima, excelente no processo de memorização, tornando-o até agradável aprender a jogar com as palavras. A poesia emociona, sugere valores estéticos possibilitando o enriquecimento cultural.

Alternando prosa e poesia é um meio de variar e quebrar a monotonia de um só tipo de leitura, a linguagem significativa intelectual.

O Objetivo deste é estabelecer um elo entre: criança, literatura e poesia, ressaltando o valor artístico-recreativo, formativo e didático da poesia, e esta por sua vez parte da Literatura Infantil.

Essas observações são de fundamental importância frente ao contexto social, cultural, histórico e político em que vivemos. Hoje, temos textos excelentes, a produção poética brasileira destinada às crianças apresenta-se com qualidade, poetas conscientes de nossa realidade e da poesia que desenvolvem, que buscam as cores e os sons da poesia de uma forma criativa.

3.2 – A arte de Contar Histórias

“Ler para mim sempre significou abrir todas as portas para atender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência dos personagens... Ler foi sempre maravilha gostosuras, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso! “ (Fanny Abramovich, 1991, p.14).

A história Infantil, por ser uma arte, possui segredos e técnicas. Ao mesmo tempo trabalha com a palavra prerrogativa, cultivando dessa forma o gosto da criança pela história e ao mesmo tempo reconhece a importância dessas, para elas, porque a criança descobre palavras novas, entra em contato com a música e a sonoridade das frases e dos nomes, através da captação do ritmo, da cadência contidas no conto infantil que flui aos pequenos ouvintes como uma canção calma e relaxante, já que a imaginação é despertada suavemente, conduzindo seu ouvinte a sonhar com um mundo cheio de magia, pois, a história Infantil brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas e com o jogo das palavras.

Ler histórias infantis para as crianças, é dar a elas ricas experiências, como, sorrir, rir, gargalhar, com situações e acontecimentos presentes nesse tipo



de narração. É um ato que conduz a criança à aprendizagem, através da brincadeira e do divertimento.

A história tem tanta força, que narrador e ouvintes andam juntos na trilha do enredo, em que ocorre uma vibração recíproca de sensibilidade, a ponto de fazer com que ambos esqueçam o ambiente que se encontra e deixam-se envolver-se plenamente pela imaginação, pelos personagens, pelos acontecimentos, sem perder de vista o senso crítico estimulado pela história que está sendo contada.

Incita o imaginário, a curiosidade da criança que se identifica com os personagens, devido a isso que ela consegue esclarecer suas próprias dificuldades ou encontra um caminho para a resolução deles, porque a história possibilita um mundo imenso de conflitos, impasses comuns a todos, e ao mesmo tempo cria ideias, podendo assim solucionar seus temores. Ela é tão envolvente que aguça o paladar, o olfato, a visão, porque, transcende o real e o fictício.

A história tem uma importância fundamental para criança com fonte lúdica e de prazer, além de oferecer uma contribuição significativa ao seu desenvolvimento, quem já teve a experiência de contar histórias para o público infantil, sabe perfeitamente que não é possível improvisar. Portanto, o sucesso da narrativa necessita de vários fatores que se interligam, favorecendo assim o desempenho do narrador, como por exemplo, a elaboração de um roteiro para organizar o desempenho do narrador, pois, este irá possibilitar a ele, a naturalidade e a segurança que temos que ter ao contar histórias para as crianças.

Este roteiro é fundamental, porque transforma o improviso em técnica, pois une a teoria à prática.

O primeiro passo consiste na escolha da história, muitas vezes a linguagem escrita, ainda requer adaptações verbais para facilitar o entendimento e a compreensão, também é preciso torná-la mais ativa, dinâmica e mais

comunicativa.

A escolha da história requer ainda que se faça uma seleção inicial, levando sempre em conta, o ponto de vista literário, a faixa etária, o interesse dos ouvintes e suas condições sócias econômicas. Recomenda-se ainda nesse primeiro passo muita cautela nessa pesquisa dos livros, por isso a pressa nesse caso se faz inimiga da perfeição, como diz esse velho ditado popular: pois além de encontrar a história adequada à faixa etária e ao interesse infantil e aos objetivos específicos, é preciso levar em conta o estilo pessoal do narrador, pois se a história não despertar a sensibilidade, a emoção, o narrador não irá contá-la com sucesso, pois ela será transmitida à criança com certa frieza, portanto, é preciso gostar e compreender aquilo que se está lendo, pois é através da emoção daquele que está narrando que o ouvinte irá sentir todas as sensações, que o enredo transmite a sua imaginação. Portanto, o bom leitor de histórias infantis, tem que ter a sensibilidade de saber dar pausas, criar intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança, para que ela possa construir seu cenário, visualizando seus monstros, princesas, bruxas, o tamanho do gigante etc. É bom evitar descrições imensas e cheias de detalhes, deixando o campo aberto para a imaginação da criança, além disso, ela quer ouvir mais diálogos, ações, acontecimentos. Também é saber usar as modalidades e possibilidade da voz, sussurrar quando o personagem falar baixinho ou estiver pensando em algo importantíssimo, e levantar a voz no momento de algazarra.

O leitor jamais pode pegar o primeiro volume antes de conhecê-lo, pois a criança é um ouvinte esperto e atento, portanto logo notará que seu leitor não está familiarizado com que está lendo, ou então pode-se encontrar palavras inadequadas deixando a pessoa que lê envergonhada. Muitos textos trazem um conceito de ética distorcido, passando ao ouvinte mentiras, preconceitos sociais. É importante que as crianças vejam as figuras que os livros trazem impressos, porque as ajudam a captarem melhor aquilo que estão ouvindo, além disso, os desenhos coloridos chamam-lhes a atenção.

A conotação da história é fundamental, pois, o famoso “Era Uma Vez” funciona com uma senha mágica, que abre uma passagem mágica, para um mundo fantasioso, portanto, não se pode começar uma leitura de outra forma, porque, certamente irá quebrar toda a magia que a história possui.

3.3 – A faixa Etária e Interesses das Histórias Infantis

“ Obedecer às diversas etapas do desenvolvimento infantil (estabelecidas pelas pesquisas da Psicologia Experimental), vem sendo a preocupação fundamental de todos que têm a seu cargo a educação de crianças. Daí que no setor da Literatura, se tente equacionar a natureza da matéria literária às faixas etárias correspondentes a cada fase, e disso resultando a classificação dos livros infantis. Apesar das óbvias diferenças que existem entre as crianças da mesma idade (pois o crescimento físico, o desenvolvimento psíquico-intelectual, a evolução da efetividade, da sensibilidade e dos interesses em geral dependem diretamente de várias causas interligadas), conseguiu-se estabelecer fases que são consideradas normais no desenvolvimento da criança.” (COELHO. 1982, p.11)

O mais importante ao fazer à seleção das histórias, é a predominância dos interesses dos ouvintes em cada faixa etária.

Ao pensar em contar uma história, precisa-se saber se o assunto que irá tratar será bem trabalhado, se é original, se contém riqueza de imaginação, se é interessante ou de agrado da criança.

Os recursos onomatopáicos e as repetições contribuem para tornar a história mais interessante, além de fortalecer as expressões. Portanto, a linguagem deve ser simples, correta, de bom gosto, deste modo, é inadmissível uma linguagem vulgar, e rebuscada; Geralmente uma boa história agrada a todos.

É importante lembrar, que para as crianças pequenas, as narrativas devem respeitar suas peculiaridades em relação ao seu estágio emocional, porque as

histórias são alimentos à imaginação e precisam ser dosadas de acordo com o crescimento da sua estrutura psico-emocional, e as crianças assimilam as histórias de acordo com o seu desenvolvimento cerebral, ou seja, por um sistema muito mais delicado que os outros, e muito especial.

O Norte para a compreensão da criança será realizado por meio dos estudos de Piaget, quanto aos estágios de desenvolvimento psicológico da criança. Assim procuraremos sintetizar as diferentes interpretações de cada etapa no desenvolvimento da criança e o tipo de literatura mais adequada.

De acordo com Coelho (1982), em *A Literatura e os Estágios Psicológicos da Criança*, vale ressaltar alguns pontos que são essenciais a cada fase da criança.

Primeira Infância: Movimento e Emotividade (dos 15/18 meses aos 3 anos).		<ul style="list-style-type: none">• A literatura mais adequada é a que se identifica com o jogo. Livros de imagens (álbums de figuras) que estimulam a percepção visual e motriz, livros de pano, etc.• A música e o canto fazem parte da iniciação literária ou
		cultural.

Segunda Infância: Fantasia e imaginação (dos 3 aos 6 anos).	<ul style="list-style-type: none"> • Fase lúdica, marcada pelo predomínio do pensamento mágico; • Dotadas de vida, vontade e de intencionalidade (animista). 	<ul style="list-style-type: none"> • Os livros devem apresentar elementos de seu mundo familiar e do maravilhoso; • Textos que tratem de situações familiares; • Conto de animais; fábulas simples ou contos maravilhosos.
Terceira Infância: Pensamento racional e socialização (dos 7 aos 11 anos).	<ul style="list-style-type: none"> • Gradativo desaparecimento do infantil; • Pensamento mágico substituído aos poucos pelo pensamento racional; • Consciência do ego e capacidade de estabelecer novas relações 	<ul style="list-style-type: none"> • Na literatura adequada a essa fase, imaginação e realidade devem se fundir; • Textos que reforcem aventuras – a presença do heroico; • Livros de aventuras ou

	<p>entre si e os outros;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pensamento lógico organiza-se em formas concretas que permitem as operações mentais; • Período de consolidação do aprendizado da leitura e da escrita. 	<p>mistérios;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Histórias alegres, bem-humoradas, narrativas populares, novelas policiais e narrativas do cotidiano.
--	--	--

Quadro I – Faixa etária segundo Piaget.

Observamos como é importante, nós conhecermos a criança e seu desenvolvimento. É fundamental que o professor conheça seu aluno e, de acordo com seu ritmo, encaminhar-lhe o texto mais adequado.

Considerações Finais

A leitura é fundamental para cumprir nesta sociedade o processo de transformação: como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto, estimulado pela escola.

A leitura é essencial para o crescimento intelectual da criança, porque ela permite no decorrer do desenvolvimento, a possibilidade de experimentação de várias sensações como: alegria, medo, riso, tristeza e entre outros, são estes sentimentos que ajudam à criança no desenvolvimento psicológico e emocional, porque a criança enfrenta seus medos e anseios, naturalmente e tranquilamente de acordo com sua faixa etária, garantindo-lhe um crescimento saudável e uma maturação do educando e a interação que é o ponto de partida para o desenvolvimento e sucesso do aluno em toda sua vida escolar.



Percebemos que as atividades desenvolvidas dentro de sala de aula são muito exploradas através de teatros, músicas, fantoches, poesias, textos literários infantis, parlendas, desenho, que é a representação gráfica das histórias. Há também, a criação de pequenos textos de acordo com a faixa etária pesquisada, redirecionando assim as várias formas de desenvolver a leitura; e nada mais educativo e eficiente que o lúdico como atividade pedagógica; fazendo com isso um meio significativo para o aluno em relação à literatura infantil.

Este tema também teve como proposta, estimular a reflexão de todos nós enquanto educadora em busca de formar pessoas cidadãos autônomos e críticos, capaz de lutar por seus direitos e deveres.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil. Gostosuras e Bobices.** 2^a Edicao. São Paulo – SP. Ed.Scipione, 1991.

ANGELINI, Rossana Ap. V. Maia. **O Processo Criador em Literatura Infantil.**

São Paulo: Letras e Letras, 1991.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas.** Edit. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1980.

FERREIRO, Emilia. **Reflexão sobre a alfabetização.** 7 ed. São Paulo: Cortez, 1990.

COELHO, Nelly N. **O Conto de Fadas.** São Paulo: Ed. Ática, 1991.

COELHO, Nelly N. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/ Juvenil.** 4^a Edicao. São Paulo – SP. Ed. Ática, 1991.

COELHO, Nelly N. **Literatura Infantil Análise Didática.** 5^a Edicao. São Paulo – SP. Ed. Ática, 1991.

FREIRE Paulo: Conscientização. **Teoria e Prática: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.**¹⁰ Edição. São Paulo-SP. Ed Moraes, 1996.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: as Reinações Renovadas.** 1^a Edição. São Paulo, SP, 1987.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A Individuação nos Contos de Fadas.** Edit. Paulus, São Paulo, 1980.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola.** 5^aEdicao. São Paulo. Ed. Global, 1985.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura.** 7 ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2000.

PERRISSE, Gabriel, **Ler, pensar e escrever.** 3 ed. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.



